

RECURSOS TECNOLÓGICOS: CONDIÇÕES DE TRABALHO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA, RELATOS DOS(AS) EDUCADORES(AS) DA EDUCAÇÃO INFANTIL

TECHNOLOGICAL RESOURCES: WORKING CONDITIONS AND PEDAGOGICAL PRACTICES IN TIMES OF PANDEMIC, REPORTS FROM EARLY CHILDHOOD EDUCATORS

Ana Cláudia Cabral de Moura 1

José Carlos de Melo 2

Resumo: A pandemia do COVID-19 marcou a educação com reconfigurações no contexto educacional, se readaptar a um novo modelo de fazer e ministrar atividades, bem diferente ao praticado. Mediante esta mudança surge a proposta de investigação deste trabalho objetivando analisar a situação dos educadores em seus desafios de ministrar atividades remotas fazendo uso de recursos tecnológicos, bem como avaliar as condições de trabalho e práticas pedagógicas utilizadas. A investigação ocorreu de forma quanti-qualitativa exploratória, fazendo uso de questionário on-line do google forms, com o intuito de conhecer o vivenciado pelos educadores. Apurado os dados, foram elaborados tabelas e gráficos para melhor entendimento do investigado. O apoio bibliográfico conta com autores que propiciaram a compreensão do tema. Os estudos revelaram que para os educadores o uso dos recursos tecnológicos foi um desafio, já que em sua formação não houve capacitação, evidência ainda mais a desigualdade já existente na educação. Como sugestão enfatiza-se a necessidade de revisão dos currículos de formação dos educadores, e a introdução das tecnologias no currículo escolar, aos poderes públicos, fica o alerta em destinar um olhar mais dedicado aos problemas que a Pandemia de COVID-19 vieram a evidenciar no processo educacional.

Palavras-chave: Recursos tecnológicos. Práticas pedagógicas. Pandemia.

Abstrat: The COVID-19 pandemic marked education with reconfigurations in the educational context, readapting to a new model of doing and delivering activities, quite different from what was practiced. Through this change, the investigation proposal of this work arises, aiming to analyze the situation of educators in their challenges of teaching remote activities making use of technological resources, as well as evaluating the working conditions and pedagogical practices used. The investigation took place in an exploratory quanti-qualitative way, making use of an online google forms questionnaire, with the aim of getting to know what the educators experienced. After ascertaining the data, tables and graphs were created for a better understanding of the investigated. The bibliographic support counts on authors who provided an understanding of the theme. The studies revealed that for educators, the use of technological resources was a challenge, since there was no training in their training, further demonstrating the inequality that already exists in education. As a suggestion, the need to review the educators' training curricula is emphasized, and the introduction of technologies in the school curriculum, to the public authorities, is alert to a more dedicated look at the problems that the COVID-19 pandemic brought to light in the educational process.

Keywords: Technological Resources. Pedagogical Practices. Pandemic.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Lattes <http://lattes.cnpq.br/0914390769674388>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8870-3653>. E-mail: anacmoura@hotmail.com

2 Pós-doutor em Educação. Docente do Departamento de Educação II e Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica do (PPGEB) da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do Grupo de Estudos, Pesquisa, Educação, Infância & Docência-GEPEID. Lattes <http://lattes.cnpq.br/1282285394690979>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0501-8141>. E-mail mrzeca@terra.com.br

Introdução

A motivação para escolha desta temática está relacionada com as diversas mudanças no ensino devido à ocorrência da pandemia da COVID-19, e pelo fato de verificar que educadores(as) e educandos precisaram se readaptar a uma nova maneira de realizar as aulas.

Para dar sequência a educação das crianças, a possibilidade mais provável foi a opção pelas atividades remotas ou híbridas, e, também, não haver quebras as regras vigentes de segurança relativas ao distanciamento social. Notoriamente estamos vivendo em um momento histórico-social desafiador o “Ano de 2020 trouxe consigo muitas questões” constatam Souza, Paixão e Rosa (2021, p. 9), “tempos inéditos e desafiadores, nos quais a humanidade reinventou as suas práticas sociais” e é por este motivo, que a investigação deste trabalho está voltada para uma reflexão no novo meio de educar, no momento remoto e com o uso obrigatório de recursos tecnológicos.

Por meio do uso dos recursos tecnológicos, não se imagina a extensão que se pode alcançar, utilizando ferramentas e métodos que por vezes não foram abordados aos ensinados dentro da universidade, abrupta e inesperadamente, tornaram-se o principal meio para que acontecesse o ensinar. Por este motivo, para se entender a dimensão das mudanças vivenciadas por estes profissionais, que tiveram suas rotinas afetadas e modificadas de um modo inesperado por um acontecimento mundial, se fez necessário analisar a situação dos educadores(as) em seus desafios de ministrar atividades remotas com o uso de recursos tecnológicos, bem como avaliar as condições de trabalho e práticas pedagógicas utilizadas no período de Pandemia do COVID-19, escutar seus relatos, e as dificuldades de alguns quanto ao modo de ensinar remotamente. Foi assim que surgiu a proposta desta investigação.

Verificar a realidade de como está acontecendo as aulas remotas hoje no cotidiano dos(as) educadores(as) considerando importante relatar as condições de trabalho dos educadores(as) tendo como único meio o uso dos recursos tecnológicos para dar continuidade na educação das crianças da educação infantil, apresentar como se estabeleceu as condições de trabalho e as práticas pedagógicas no período pandêmico fazendo o uso das tecnologias e identificar os pontos importantes que facilitou ou dificultou quanto ao uso dos recursos tecnológicos para a continuidade da educação infantil, tendo por meio a visão e relatos dos(as) próprios(as) educadores(as), e a partir da investigação de suas experiências docentes na educação infantil poder buscar modos, sugestões e práticas que contribuem para o adaptar do(a) educador(a) a nova condição de ensino remoto ou híbrido, como também compartilhar seus desafios e aperfeiçoamentos nesta nova modalidade de ensino, e problematizar os pontos levantados e buscar teorizar explicações que contemplem possíveis soluções para o uso de tecnologias no ensino remoto, e que sejam aperfeiçoadas durante o processo.

Para esta investigação a metodologia utilizada contou com estudo bibliográfico sobre o tema, coletando informações que possibilitassem problematizá-lo. Após houve uma investigação por meio de questionário *on-line*, pois segundo Labes (1998, 40p.) “existem várias maneiras para se interrogar uma pessoa e sem dúvida a mais complexa delas é fazê-lo por escrito”, e tendo em vista o cumprimento do distanciamento como medida preventiva da COVID-19. A opção questionário deu-se por ser um “instrumento de coleta de dados com questões a serem respondidas sem a intervenção direta do pesquisador, em que a pergunta é feita a cada pessoa da mesma maneira” (MAY, 2004, p. 66), ao qual foi elaborado na plataforma do *Google Forms*.

Situação pandêmica e os impactos a educação

A pandemia de COVID-19, desde o seu início em dezembro de 2019, quando foi oficialmente detectado em Wuhan, vem trazendo a população mundial um estilo de vida adverso ao que se considerava normal. “A pandemia trouxe instabilidade na vida dos indivíduos e atenuou a crise da modernidade, além de repaginar fragilidades existentes no contexto da contemporaneidade” (MENDES; MELO, 2021, p. 2).

Uma das principais estratégias adotadas para conter a disseminação da COVID-19 englobou o fechamento de escolas, diante do quadro de imensa gravidade, os educadores(as) e trabalhadores(as) das áreas afins à educação estão diante de uma responsabilidade única (COLEMARX, 2020, p. 4), e mediante o cenário que se instalou “foi necessário que o professor se reinventasse na maneira de organizar suas aulas e conseqüentemente de ensinar” (VERGANI; MORAES, 2020, p. 1) buscando se adaptar ao “novo normal” e utilizando recursos tecnológicos para a continuidade de uma nova realidade organizacional para que seu trabalho continue.

Considerando o contexto mundial, pandêmico, onde as crianças não podem ainda ir às escolas e o fato de as crianças precisarem além de ter a apreensão do conhecimento “em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”, do olhar cuidadoso dos educadores(as) e cuidadores(as), para que possa ser atendida conforme previsto na LDB em seus artigos 29 e 30 (LDB, 1996), eis que se estabelece o ensino remoto e ou híbrido para que se preservem a segurança de educadores(as), crianças e da família.

Destacamos que é fundamental o conhecimento do principal causador a este momento em que se vive uma grande transformação em diversos setores, o coronavírus, inclusive, no educacional, onde levou aos educadores(as) ao “caminho mais curto e eficaz para introduzir nossas escolas no mundo conectado” (VERGANI; MORAES, 2020 apud FAGUNDES, 2005, p. 8).

O novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, que significa Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” se refere a 2019, detectado em 31 de dezembro em Wuhan, na China (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Tal denominação provém do seu perfil estrutural, por se assemelhar ao de uma coroa.

A doença é associada a uma síndrome gripal, produzindo sintomas que variam desde tosse constantes, até episódios de insuficiência respiratória. Por este fato observa-se a dificuldade no seu diagnóstico, considerando a similaridade com doenças relativamente mais simples e rapidamente tratáveis. A COVID-19 apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020)

Segundo a reportagem publicada no mês de maio/junho pela Revista Construir Notícias (2020, p. 5), a pandemia de Covid-19 “surpreendeu e desorganizou a sociedade em todo o mundo. Em apenas algumas semanas, praticamente tudo parou, e milhares de alunos ficaram sem aula”. A nova pneumonia denominada “coronavírus” ou COVID-19 ganhou intensa atenção em todo o mundo em 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou (SARS-CoV-2) uma pandemia, citando mais de 118.000 casos da doença em mais de 110 países e territórios ao redor do mundo, confirmando o risco sustentado de disseminação global.

Silva Ferreira et al (2020) informa que a transmissão da COVID-19 ocorre, principalmente, através do contato entre indivíduos, por meio de gotículas de saliva ou perdigotos emitidos do trato respiratório de uma pessoa infectada, ou ainda através das mãos contaminadas. O período médio de incubação da infecção por coronavírus é de 05 (cinco) dias, podendo chegar até 12 (doze) dias (FIO CRUZ, 2020), a transmissibilidade dos pacientes infectados por SARSCoV-2 é em média de 5 dias após o início dos sintomas.

O coronavírus é o foco da saúde no momento, buscar tratamento e vacinas que possam garantir a sobrevivência das pessoas, já na educação, é o momento de reinventar, de avaliarmos métodos que ajudem a perceber o público atingido e suas limitações a este acesso, de educadores(as) e crianças, mas também, de se solidarizar com as situações que se fazem necessárias a sobrevivência de todos, ter o distanciamento, no momento, é um mal importante para proteger vidas, o educar está dentro de sua casa, cuidando de sua saúde física. Aos educadores (as) cabe o cuidado da saúde intelectual destas crianças que ainda se encontram afastados, e que precisam continuar sua aprendizagem, pois mais do que nunca, se percebe um mundo dinâmico que está se reinventando, e o processo de ensino aprendizagem é constante.

As preocupações são inúmeras, alerta a Fiocruz (2020) quando afirma que “no retorno presencial nas escolas, em nível nacional, poderiam contaminar, em média, mais de 9 milhões de pessoas no país”. Considerando estes dados, é plausível o sentimento de insegurança, e se verificar a necessidade da continuidade do ensino-aprendizagem por condições de atividades remotas ou híbridas.

Necessitamos e ansiamos por entender como vem sendo o uso destas tecnologias na prática dos educadores e das educadoras da educação infantil, o quanto esta condição de ensino afetou suas práticas, além, é claro, da relação com as crianças envolvidas, e, por consequência, seus pais, o que antes era em uma sala na escola, agora é em casa e por vídeo, já que o ensino tem acontecido de maneira remota e a tecnologia é o principal meio para manter o ensino garantido a todos.

Este momento que nos remete a perceber a necessidade de estarmos preparados desde a nossa base de formação, ou a necessidade de busca por atualizações tecnológicas constantes na maneira de educar e, assim, ir inserindo mais frequentemente o uso das tecnologias, sejam elas para ensinar ou aprender no meio escolar.

Esta investigação teve por objetivo analisar a situação dos educadores(as) em seus desafios de ministrar atividades remotas com o uso de recursos tecnológicos, bem como avaliar as condições de trabalho e práticas pedagógicas utilizadas no período de Pandemia do COVID-19, buscaremos relatar as condições de trabalho dos educadores(as) tendo como único meio o uso dos recursos tecnológicos para dar continuidade na educação das crianças da educação infantil, apresentar como se estabeleceu as condições de trabalho e as práticas pedagógicas no período pandêmico fazendo o uso das tecnologias e identificar os pontos importantes que facilitou ou dificultou quanto ao uso dos recursos tecnológicos para a continuidade da educação infantil.

“Repensar saberes e fazeres docentes e processos de ensinar e aprender é uma das formas que temos para o enfretamento das incertezas atuais” (VITURIANO, VASCONCELOS, 2021 p. 43). O ensino remoto tornou-se uma realidade e o isolamento social imprescindível para o controle do coronavírus e, por conseguinte, o fechamento das escolas, educadores(as) e crianças tiveram que se adaptar a esse novo tempo. As aulas hoje são virtuais, o conhecimento chega através das telas dos computadores, celulares, tablets e com o a utilização de recursos tecnológicos.

Para Bottentuit Junior e Coutinho (2007, p. 616) devemos nos colocar a um repensar da educação, onde tendem a se adaptar com modelos mais flexíveis de formação a distância, que tirem partido do potencial educativo da *web*, mediante seus estudos nos esclarece que “a sociedade em rede diminuiu as distâncias e aproximou as pessoas com interesses em comum, podendo esta comunicação ser direta (síncrona) ou indireta (assíncrona)”, para Bridi, Bohler e Zaroni (2020, p. 4) se trata de trabalhos realizados e possibilitados pelas tecnologias da informação (TI's) que passaram a ser realizados em casa (à distância) mediados por computadores, notebooks, tablets e smartphones com conexão pela Internet.

Os educadores(as), preocupados com o educar, buscaram recursos que viabilizassem o acesso às crianças e que os aproximasse, mesmo constatando que os problemas que surgiram, as desigualdades sociais, as dificuldades de acesso a recursos tecnológicos, ficando mais aparente que utilizá-las faz-se necessário, não especificamente como inovação pedagógica, mas pelas condições que estamos vivendo em função da pandemia, o distanciamento social.

Para o novo momento de ensino e aprendizagem, foi necessário a mediação de recursos tecnológicos, que para Bottentuit Júnior, Carvalho e Chahini (2016, p. 3) o termo tecnologia, refere-se “a todas aquelas ferramentas que foram desenvolvidas ao longo da história da humanidade e que são utilizadas pelo homem [...] a utilização dos recursos mudam, o que antes eram usados para a comunicação informal, passaram agora a desenvolver um papel importante na comunicação formal do ambiente escolar, sendo essencial e diversificado os recursos para que ocorra esta relação educador(a) e criança.”

Por essa razão, compreendemos que o uso das tecnologias de informação e comunicação no espaço em sala de aula, não podem ser consideradas e utilizadas unicamente como recurso supérfluo, e, por extensão, o corpo docente deve compreender e planejar os meios mais

adequadas para que essas ferramentas sejam efetivamente empregadas no processo ensino-aprendizagem dos alunos. (BOTTENTUIT JÚNIOR, CARVALHO E CHAHINI, 2016, p. 4) Os “recursos tecnológicos estão presentes no dia a dia, a tecnologia existe desde os primórdios da humanidade com o objetivo de facilitar a vida do homem. No entanto, a tecnologia propriamente dita no qual conhecemos hoje, teve sua ascensão a partir do fim do Século XX e início do Século XXI, com a ampliação dos meios de comunicação e informação com o processo da globalização (ROCHA, 2021, p. 2).”

Para Gadotti (2000, p. 250), “não existe tempo ou espaço próprio para a aprendizagem, à aprendizagem está em todo lugar e é preciso aprender sempre”, o autor deixa claro que o ambiente escola também pode ser um meio para que os recursos tecnológicos venham a ampliar o acesso ao conhecimento e promover, assim, uma educação de qualidade e viabilizando a praticidade no processo ensino. Os recursos tecnológicos passaram a ser utilizadas pela escola há consideravelmente poucos anos atrás e com a situação mundial pandêmica se estabeleceu para facilitar no processo educacional.

Os recursos tecnológicos podem ser tangíveis (como um computador, uma impressora ou outra máquina) ou intangíveis (um sistema, uma aplicação virtual). (SUNSOFTWARE, 2018). Como é possível perceber são diversas as possibilidades em equipamentos e aplicativos que facilitam no processo educacional.” O educador deve apenas ter o cuidado ao escolher qual atende a sua necessidade.

De acordo com Bottentuit Júnior, Alexandre e Coutinho (2006, p. 59-60) “apesar da Internet ser este sucesso que é atualmente, é ainda um meio desorganizado de acesso à informação”, para eles “a escola além de adotar a tecnologia como aliada deve saber guiar seus educandos para as melhores formas de aproveitar esta gama de informações que nos cerca”.

Neste momento, viabilizam esse processo educacional remoto, trazendo além da conexão, “a percepção do quanto o mundo tecnológico tem a contribuir em todo método de ensino aprendido” (BARBOSA, VIEGAS E BATISTA, 2020, p. 264). Como podemos constatar, com a instauração da pandemia, os recursos que estavam ao alcance de todos tomou outros caminhos, a utilização com maior responsabilidade e a favor da educação. Ressaltamos que a “democratização do acesso à internet, por meio de políticas públicas, é, por conseguinte, um imenso desafio e deve seguir na agenda das lutas pela democratização da informação, da ciência, da arte e da cultura” (COLEMARX, 2020, p. 17), para que num futuro breve, assim se almeja, que todos possam ter acesso a esta tecnologia e que possam, realmente, dar uso de maneira útil e com progressão positiva dentro da educação.

A expectativa é de que ao findar desta pandemia se possa dar continuidade a empregabilidade das tecnologias de modo a continuar contribuindo no processo de educação, “torna-se necessário ao ser humano uma constante busca pela atualização desses conhecimentos. É nesse cenário que a formação continuada vem contribuindo com estudos e aprofundamento teórico-prático que o professor constrói ao longo de seu percurso” (MELO; SOUZA, 2017).

O ensino remoto aflorou o que já era evidente: a diferença entre o ensino público e o privado. Enquanto o primeiro possui suporte técnico, os educadores(as) das escolas públicas lidam com a precariedade do sistema e até mesmo com a dificuldade com o uso das tecnologias. Para Barbosa, Viegas e Batista (2020, p.260) viver em “um mundo onde a tecnologia está atrelada a praticamente todas as profissões, possuir conhecimentos relativos às ciências tecnológicas, no exercício profissional de educador tem se tornado essencial. Mas ainda há muitos questionamentos por parte de professores que demonstram ter limitações com ferramentas tecnológicas”, faz-se necessário que profissionais da educação busquem caminhar junto com as modernidades das tecnologias para que não sejam pegos desprevenidos aos acontecimentos, como a chegada da pandemia do COVID-19, que veio fazendo exigências necessárias para a continuidade da educação.

Neste momento a necessidade, de rapidamente, reinventar-se, dar uma nova significação às práticas pedagógicas. Mayer et al (2020) nos traz a reflexão afirmando que “diante desse quadro, foi preciso reinventar e ressignificar a prática pedagógica desenvolvida nas escolas buscando formas para garantir a continuidade da aprendizagem”. Emergindo um momento

de ensino que propõe o uso tecnológico, que antes era subutilizado, agora possui grandes proporções para que aconteça diante a pandemia instalada de COVID-19 até que se possa retomar o presencial de modo seguro, e enquanto se aguardam vacinas, o ato de aprender, um processo contínuo, não pode parar.

Profissionais da área da educação estão se desdobrando para criar aulas que sejam mais atrativas e que possam prender a atenção dos alunos principalmente os da educação básica, pois se distraem com facilidade, tudo isso, frente a um cenário sem precedentes e que tem exigido do poder público educacional tomadas de decisões rápidas sobre questões inéditas e altamente complexas (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

Para educar as crianças na atualidade e nessas condições complexas que nos permeiam a estrutura envolve um sistema contínuo de parceiros: educadores, família, tecnologias e as crianças, são esses elementos independente, mas que não podem trabalhar de modo isolado, pois a estrutura precisa interagir para que o aprendizado aconteça. “A realidade é composta de sistemas, que se arranjam por elementos interdependentes, e, certamente, o seu funcionamento (da realidade) não pode ser visto de forma isolada” (ALBUQUERQUE, 2019 *apud* BERTALANFFY, 1976).

Quando nos colocamos a refletir sobre a condição do profissional da educação infantil, nos colocamos a questionar sobre a formação, se em seus estudos para sua formação, obteve instruções que os ajudaria a lidar com estes momentos de nova complexidade, a pandemia do coronavírus.

Metodologia

A investigação foi dividida em dois momentos. No primeiro houve a elaboração do questionário com a preocupação de abordar questões a qual os educadores deixassem transparecer a situação que estaria sendo vivenciadas por eles no tocante aos recursos tecnológicos utilizados, as condições de trabalho que se encontravam e as práticas pedagógicas que estavam fazendo uso, após foi feita a aplicação se utilizando os meios tecnológicos, devido ao momento pandêmico instaurado de COVID-19, para se fazer a divulgação do questionário, para isso, as redes sociais (*Facebook e WhatsApp*) e os e-mail foram os recursos disponibilizados para se manter o distanciamento conforme determinado pela OMS e as leis Estaduais, o que foi fundamental para que assim, pudéssemos ter o alcance obtido em nossa investigação de 7(sete) estados brasileiros.

No segundo momento, a partir do encerramento dos envios de respostas, período que se instaurou a aplicação dos questionários, que foram no mês de maio de 2021 entres os dias 6 (seis) e 13 (treze), os dados foram sistematizados dentro do banco de dados disponibilizados pelo próprio aplicativo, e apresentados em gráficos e tabelas para a visualização e análise dos resultados.

A investigação possui uma abordagem quanti-qualitativa exploratória, com fonte de dados primários obtidos por meio de um questionário que possuía questões fechadas e aberta cuja elaboração foi feita pela plataforma *Google Forms* que contou com 38 perguntas divididas entre as seguintes categorias: a) Aceitação do questionário (3 questões); b) Identificação/formação (3 questões); c) Atuação profissional (3 questões); d) Condições de trabalho (8 questões) e; e) Práticas pedagógicas e seus desafios no ensino remoto (21 questões)

No total obtivemos 41 (quarenta e um) educadores(as) colaboradores na pesquisa, que responderam ao questionário e relataram o quanto suas condições de trabalho e suas práticas pedagógicas foram afetadas neste período e com o intermédio dos recursos tecnológicos.

Após a geração dos dados da pesquisa que tem por objetivo analisar a situação dos educadores(as) em seus desafios de ministrar atividades remotas com o uso de recursos tecnológicos, bem como avaliar as condições de trabalho e práticas pedagógicas utilizadas no período de Pandemia do COVID-19, traçando, assim, um panorama geral das percepções destes profissionais, tendo como principais critérios, relatar as condições de trabalho dos educadores(as) tendo como único meio o uso dos recursos tecnológicos para dar continuidade

na educação das crianças da educação infantil, apresentar como se estabeleceu as condições de trabalho e as práticas pedagógicas no período pandêmico fazendo o uso das tecnologias e identificar os pontos importantes que facilitou ou dificultou quanto ao uso dos recursos tecnológicos para a continuidade da educação infantil, obedecendo a recomendação, para sua prevenção, o distanciamento social e o uso de recursos tecnológicos, assim realizamos o nosso trabalho de pesquisa. Os resultados serão apresentados a seguir conforme as categorias de análises.

Resultados

- Aceitação

Obteve 100% (cem por cento) de aprovação, sendo obtido 41 respondentes que autorizaram a pesquisa. Os educadores(as) respondentes que participaram da investigação são de 15 cidades diferentes, as duas cidades que mais participaram foram São Luís do estado do Maranhão, 15 (quinze), e Cuiabá do estado do Mato Grosso com 07 (sete) e os demais divididos em 13 (treze) cidades.

Destacamos que foi de extrema relevância quanto ao alcance da pesquisa, esta participação abrangente se deu devido as condições impostas pela pandemia do COVID-19, onde havia a preocupação com os níveis alarmantes de contaminação, pudemos assim, obter a participação de educadores(as) de diferentes localidades, fazendo uso dos recursos tecnológico, assim como os investigados, recurso principal utilizado no momento pandêmico para que houvesse a comunicação e respeitasse o distanciamento necessário no momento..

Por Estado encontramos uma maior participação do Maranhão com 20 educadores(as), seguido do Mato Grosso com 8, Minas Gerais com 6, Paraná com 4 e com apenas 1 (um) participante os Estados do Piauí, Pará e Tocantins. Quanto a concentração por região, estes se apresentaram em sua maioria localizados na região nordeste, perfazendo um total de 21 (vinte um) investigados, ou seja, 51,2%.

- Identificação/formação

A faixa etária dos educadores(as) participantes demonstra que o perfil dos respondentes se concentra, em sua maioria, na faixa etária de 30 a 40 anos perfazendo um total de 48,8%. Quanto a identidade de gênero obteve 97,6% dos participantes se reconhecendo como do gênero feminino, representando 40 (quarenta) dos participantes, e apenas um representante do gênero masculino (2,4%).

No nível de formação dos educadores(as) constatou-se que os que possuem especialização são 65,9% da amostra, representando 27 dos investigados. Os educadores(as) investigados possuem não somente sua formação em licenciatura, o que nos remete a perceber que os profissionais da educação têm buscado seu aperfeiçoamento e se limitando ao mínimo em ter uma especialização. Lucatelli e Vieira (2019, p. 268), evidenciaram esta constatação em suas pesquisas, profissionais que educadores(as) “buscam seu aprimoramento para atender as mudanças e evoluções constantes do mundo.”

- Atuação profissional

Preocupados com esta premissa, buscamos investigar o tempo de atuação dos educadores(as) na área da educação, sendo possível notar que 34,1% (14) possuem de 5 a 10 anos de atuação, já os que possuem mais de 15 anos totalizam 26,8% (11), 24,4% (10) atuam entre 11 e 15 anos na educação e 14,6% (6) estão atuando a menos de 5 anos.

Constatou-se que 70,7% (29), dos entrevistados trabalham como professor(a) da rede pública, incluindo-se estadual e municipal, e são concursados, tendo como segunda maior atuação, 19,5% (8), os que trabalham na rede privada de ensino, posteriormente, 7,3% (3), trabalham na rede pública (estadual e Municipal) por meio de contrato e apenas um educador(a) (2,4%) afirmou está desempregado em virtude da pandemia.

Foi possível notar que a maioria dos entrevistados já possuem uma estabilidade profissional, o que implica não haver mudanças de professores constantes na educação infantil, assim como nas pesquisas de Costa (2013, p. 31), o que se considera satisfatório em se tratando de educação infantil, pois segundo ele, “Esses dados indicam que não existe uma grande rotatividade no quadro de professores na instituição de educação infantil, o que colabora para o desenvolvimento da prática do professor [...] No meio escolar é o professor, junto com as demais crianças, quem desenvolve o papel preciso na interação para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem da criança. Se o professor muda constantemente de escola se torna praticamente impossível essa interação”.

Quanto a área de atuação apurou-se 78% (32), atuavam dentro da sala de aula, que para Marques (2020, p.33), é “na sala de aula, a prática educativa é planejada e operacionalizada a partir da interação entre professores e alunos, mediante objetivos, conteúdos, métodos e avaliação, objetivados em ações que compõem a atividade de ensino e aprendizagem. Escolhemos a escola, mas isso não significa que consideramos que este é o único espaço em que se desenvolvem práticas educativas”

- Condições de trabalho

Nas práticas pedagógicas, os resultados apontados foram que em sua maioria, 63,4% (26), estavam trabalhando de maneira remota em *home office*, logo em seguida, estavam os que trabalhavam de maneira híbrida, 22% (9), onde se utilizam tanto do meio remoto como atuam presencialmente. 9,8% (4) dos educadores(as) trabalhavam de modo presencial apenas e os demais 4,9% (2) não estavam trabalhando. Vergani e Moraes (2020, P.6) constataram que devido as mudanças do mundo e a inserção da tecnologia, “professores sentiram a necessidade de se inteirar do mundo virtual, porém, em seus estudos perceberam que, a maior parte dos professores que lecionam não tinham ou não tiveram conhecimento a respeito da tecnologia, fato que dificulta essa adequação”.

Buscando entender como estava acontecendo a acessibilidade destes educadores(as) tratou-se de questionar que meios tecnológicos fazia uso e encontrou-se os seguintes resultados: 51,2% (21) faziam uso de duas ou mais tecnologias; 31,7% (13) usavam apenas o celular para manter o contato com as crianças; 16,6% (6) possuíam *notebooks* para desenvolverem suas atividades junto a educação e 2,4% (1) possuía *notebook* ou *tablet* para atuar. Quanto a conectividade dos educadores(as) para a utilização dos recursos tecnológicos no processo educacional, em sua maioria, os educadores faziam uso de seus equipamentos e sinal de internet pessoais, 75,6% (31), em seguida, 17,1% (7) faziam uso do sinal e equipamentos fornecidos pela instituição de ensino e 7,3% (3) usavam os equipamentos fornecidos pela instituição de ensino e o sinal de internet era o de uso pessoal do educador.

Questionou-se sobre os locais que aconteciam a elaboração das atividades de aula e obteve-se as seguintes informações: 65,9% (27) dos educadores desenvolviam suas atividades em sua residência por meio virtual; 19,5% (8) desenvolviam suas aulas na escola de maneira híbrida (presencial e por meio virtual); 7,3% (3) desenvolviam suas atividades de maneira presencial; 4,9% (2) desenvolviam na escola por meio virtual e 2,4% (1) não estava atuando no momento.

Preocupados com a situação atípica vivenciada pelos educadores(as) da educação infantil, buscou-se saber se este possuiu em sua formação acadêmica alguma disciplina que estivesse voltada para o ensino do uso das tecnologias digitais em sala de aula e que pudessem estar auxiliando neste momento pandêmico, o resultado encontrado foi que 70,7%, ou seja 23 não tiveram qualquer instrução que viesse lhes ajudar, enquanto, apenas, 29,3% (12), afirmaram que, sim, possuíram disciplinas que lhe auxiliaram e instruíram para este momento e a utilização dos recursos digitais.

Quanto a formação continuada se questionou ao educador(a) se havia participado de alguma formação quanto ao uso das tecnologias para aprimorar suas atividades com o uso destes recurso, percebeu-se que a maioria, 56,1% (23) disseram que sim, realizaram alguma formação *on-line*, em seguida, 29,3%, ou seja, 12 educadores(as), disseram não, não realizou

nenhuma formação, já 12,2% (5) afirmaram ter realizado formação tanto presencial quanto *on-line* e apenas 2,4% , apenas 1 educador(a) não se sentiu motivado a fazê-lo.

Foi questionado, também, aos entrevistados quanto a sua habilidade na utilização destes recursos, como ele se classificava, os resultados obtidos nos demonstraram que 46,3% (19) se sentiam com nível satisfatório de habilidade no uso das tecnologias, muito bom e moderado foi como 24,4% (10), cada, dos educadores se classificou e apenas 4,9% (2) se classificaram com fraca habilidade no uso das tecnologias. Souza, Paixão e Rosa (2021, p.95) enfatizam que em um dos estudos apresentados, realizados dentro da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), perceberam que quanto à inclusão digital aspecto a considerar neste contexto é a falta de formação inicial dos docentes de diversos cursos de graduação que não contemplavam o uso das TIC's e ou TDIC's, apresentando, assim, mais um "entrave para o desenvolvimento de uma perspectiva metodológica desafiadora do ensino não presencial no tocante à inclusão digital."

Buscando entender se houve preocupação das instituições em oferecer aprimoramento aos educadores(as) quanto ao uso das tecnologias obteve as seguintes informações: 26,8% (11) fizeram cursos por iniciativa particular custeadas pelos próprios educadores; 22% (9) fizeram cursos oferecidos pela SME; 19,5% (8) participaram de cursos por iniciativa particular e gratuitos; 14,6% (6) participaram de cursos promovidos pela instituição de trabalho e por iniciativa particular; 12,2% (5) participaram apenas de cursos promovidos pela a instituição de trabalho e 4,9% (2) participaram de curso promovidos pela SEDUC. Segundo Guimarães e Barreto (2020, p. 254) "não houve tempo de formação para aprender sobre essa nova modalidade de trabalho."

- Práticas pedagógicas e seus desafios no ensino remoto

No que se refere as práticas pedagógicas e seus desafios no ensino remoto foram muitos os questionamentos elencados aos educadores(as) da educação infantil a fim de entender como o momento pandêmico se afetaria ou não as práticas utilizadas, destacamos a seguir alguns.

A primeira pergunta levantada era se havia tido a necessidade alguma adaptação de conteúdo/planejamento para que as atividades acontecessem, e que o educador(a) investigado justificasse sua resposta. Mediante esta preocupação o apurado entre os 41 (quarenta e um) investigados foi que "SIM", 100% afirmaram ter sido necessário a adaptação dos conteúdos. Quanto as justificativas para esta resposta obtivemos inúmeras opiniões ao qual destacamos, a preocupação dos educadores(as) que ocorre em torno da acessibilidade das crianças, a organização de um conteúdo em que as atividades viessem a atender aos alunos, vislumbrando o tempo que a criança leva para manter sua atenção, qual tipo de atividades se encaixariam a este proposito e não ferindo a intencionalidade e mantendo o vínculo com o educando.

A pandemia fez com que várias pessoas se vissem em diversas situações no momento de sua atuação, então, buscando entender o que os educadores(as) sentiam, questionamos como eles definiriam melhor como estavam vivenciando sua atuação na educação infantil neste período de atividades remotas e obtivemos que na maioria, 73,2% (30), se viam em um momento desafiador, e, posteriormente, o segundo mais marcado, o sentimento compartilhado era de angústia, 12,2% (5). Destaca-se a manifestação de dois (4,8%) dos educadores(as) que afirmou ser uma "associação de angústia, desafio, descaso e superação" o outro afirmou "estar sendo angustiante, triste, descaso, má valorização", e continuou seu desabafo dizendo "ter se sentido burro por não dominar as tecnologias, sofri, chorei", concluiu o educador(a).

O que corrobora com Souza, Paixão e Rosa (2021, p. 162) que em um de seus relatos apresentam as queixas de um educador(a) que descreve sua visão de como está ocorrendo o exercício da educação nos tempos de pandemia, quando diz que "As consequências são poucas análises, nenhuma reflexão, sem críticas propositivas e muita frustração por não exercer com maestria a sua profissão. Aos professores a única certeza é que as atividades precisavam e devem ser retomadas urgentemente e com as possibilidades existentes".

Gotti e Balbani (2020) lembram que tanto como o profissional da saúde, o educador(a)

também tem seu papel imprescindível no futuro das crianças, “Os desafios para a reabertura das escolas persistem, mas é preciso lidar com eles com foco e determinação e, sobretudo, prioridade política [...] se os profissionais da saúde são fundamentais para trazer o horizonte da vida, os da Educação são igualmente imprescindíveis para propiciar o horizonte de futuro de nossas crianças e jovens.”

Quanto as dificuldades ao ministrar as suas atividades no período pandêmico o que mais os profissionais relatam ter sido manter a relação com a família do aluno, onde 46,3% (19) dos entrevistados se identificou, seguido por 36,6% (15) que afirmavam ser a acessibilidade ser sua maior dificuldade. É compreensível a dificuldades de relação com os pais neste período pandêmico, pois “para que essa nova modalidade de ensino e aprendizagem funcionasse de forma regular, os professores, atores na linha de frente da educação, tiveram que aprender a usar as ferramentas necessárias. Mas os pais que estão acompanhando seus filhos na condução das atividades tiveram de forma rápida que aprender a lidar com as novas tecnologias para orientar seus filhos nas atividades de ensino” (SOUZA, PAIXÃO E ROSA, 2021, p. 171), o que talvez explique esta dificuldade relatada pelos investigados. É um momento de unir forças, educadores(as) e pais, e demonstrar a estas crianças, que estão no desabrochar de sua busca por saberes, observarem bons exemplos de perseverança e de superação, pois a educação também se dá por exemplos vivenciados.

Ao uso das tecnologias, questionamos quais seriam suas maiores dificuldades, alguns relatos que demonstravam as inquietações dos entrevistados nos descreverem a necessidade da participação dos envolvidos para que o processo educativo ocorra de maneira plena, outros educadores(as), a grande maioria dos entrevistados, relatam quanto a dificuldade em possuir equipamentos melhores e, principalmente, de saber operá-los com a destreza, fazendo o uso adequado dos recursos tecnológicos para cada aula ministrada as crianças, ter domínio dos diversos recursos disponíveis.

As facilidades no uso das tecnologias destacamos dois educadores que relatam “não haver facilidades” e, sim, as dificuldades, na escrita de outro educador, “tivemos que começar do zero”, o que demonstra a frustração de alguns dos participantes. Para outro educador, em seus comentários relata “a comodidade” que existe no processo é o que destaca como facilidade no uso das tecnologias.

Quanto a continuidade do uso dos recursos tecnológicos ao retorno das atividades os educadores(as) se mostraram, em sua maioria, por torna permanente o uso da tecnologia, 51,2% (21), enquanto que os demais, 48,8% (20), são a favor do uso parcial das tecnologias. É necessário que os educadores(as) estejam motivados e capacitados para a utilização dos recursos tecnológicos, quando os tiver, e no caso de não possuí-los, buscar com as instituições de ensino a aquisição, provendo as crianças oportunidade de conhecer e utilizar a tecnologia em sua educação. Sobre o uso das tecnologias, se trouxeram mudanças positivas nas práticas pedagógicas, em sua maioria 85,4% (35), demonstraram se motivados, enquanto apenas 9,8% (4) disseram ter sido negativas o uso das tecnologias em suas práticas pedagógicas e 4,9% (2) disseram não ter havido mudanças em suas práticas.

“É preciso atenção aos discursos afirmativos de que a tecnologia e/ou as metodologias ativas conseguem dar conta de uma educação moderna e propulsora de aprendizagens significativas”, alertam Guimarães e Barreto (2021, p.257) sobre o uso das tecnologias e a acessibilidade, “a educação que promove o desenvolvimento é aquela que faz a transmissão dos conceitos científicos ser acessível a todos os alunos”. Para que o uso da tecnologia seja visto de maneira positiva devemos ter o cuidado, primeiramente, de verificar a acessibilidade de todos os envolvidos no processo, crianças e educadores(as).

Quanto a investigação para saber quantos meios de aplicativos e plataformas usados pelos educadores a maioria disse ter feito uso de 2 (dois) a 3 (tres) destes recursos, 51,2% (21). Solicitado aos educadores exemplos de alguns dos aplicativos que fez uso no ensino das crianças na educação infantil, se obtve que a maioria dos educadores(as) faz uso do *Google Meet, Youtube e WhatsApp*. Souza, Paixão e Rosa (2021, p. 72) afirmam que estas plataformas e aplicativos invadiram a vida dos educadores(as), desta forma “se fez necessário realizar

enfrentamentos e adaptações nunca vividos, o trabalho remoto (*home office*), utilizando plataformas digitais foi um aprender na urgência” relatam, ainda, o uso mais intenso de *whatsApp*, *google class*, *google forms*.

Quanto as práticas pedagógicas que mais faz uso no ensino remoto, os educadores(as), nos relacionaram diversas, a “leitura individual, seminários, apresentações, aulas expositivas, resolução de atividade, jogos, brincadeiras, vídeos explicativos, áudios, músicas e atividades que envolvam corpo e movimento.” Analisando estas práticas aplicadas pelos educadores(as), e preocupados com o uso de recursos tecnológicos, podemos imaginar o grande desafio para os docentes em participarem de um processo de mudança tão grande, lembrando que existe o distanciamento e a falta de contato com os pais, agentes intermediários do processo.

A maioria dos educadores investigados relatou fazer uso de aulas síncronas e assíncronas, 39% (16), ou seja, se utilizam dos dois formatos. Não tão diferente, proporcionalmente, temos os que tem trabalhado apenas de maneira assíncrona, 36,6% (15), de modo síncrono apenas 17,1% (7) dos educadores disseram fazer uso deste formato e os demais investigados, 7,3% (3), disseram não está realizando ensino remoto.

As atividades, esclarecem Mello e Jesus (2021, p.60), podem ocorrer “de forma síncrona e assíncrona, tendo por mediação o ambiente virtual, onde os professores criam, gerenciam e editam todo o material utilizado, adaptando para o modelo remoto, no qual a autonomia do discente para apreensão do conteúdo passa a ser o foco.”, os autores lembram que a adequação dos materiais em suportes variados depende de fatores como: pertinência ao tema estudado e familiaridade do docente com os recursos disponíveis.

O professor, com o planejamento de ensino, saberá direcionar suas atividades em sala de aula, sem correr o risco do improvisado, por isso há a necessidade de fazer o planejamento de ensino para que a prática pedagógica possa fluir, e preocupados com este fluir pedagógico, buscamos investigar junto aos educadores(as) como estavam as devoluções das atividades das crianças, obtivemos a informação que 39% (16) devolviam apenas 75% das atividades aplicadas resolvidas, já 26,6% (11) disseram que a porcentagem das atividades propostas resolvidas e devolvidas seriam apenas 50% empatando com os que afirmavam que apenas 25% das atividades propostas eram resolvidas e devolvidas. A porcentagem de 100% das atividades resolvidas e devolvidas foram apenas em 4,9% (2) e apenas 2,4% (1) dos educadores afirmaram que estas atividades propostas não são devolvidas.

As aulas *on-line*, de modo síncrono por meio de um dos diversos recursos tecnológicos disponibilizados gratuitamente, infelizmente, não abraçam a todos os envolvidos, pois muitos dos alunos e pais não possuem equipamentos ou internet para que o alcance seja maior. Informam que as atividades escritas são disponibilizadas na escola para que os responsáveis possam ter acesso, assim, “diminuindo o abismo”, como relata um educador entrevistado, entre os professores e as crianças.

Quando questionado aos educadores(as) sobre o que contribuiria para a melhora da educação neste período pandêmico, transparecem os momentos de dificuldades vivenciados dentro da educação, e que, especialmente neste período desafiador do COVID-19, nos aflorou, mais ainda, algumas situações já existentes no contexto da educação, “maior comprometimento dos pais e investimento dos governos” nos coloca um(a) dos educadores(as), “apoio material e emocional aos professores, alunos e pais” diz outro educador, o seguinte coloca toda a sua preocupação “não consigo pensar em contribuições para a educação, pois “o descaso da parte das autoridades continua e a escola juntamente com o professor pouco podem fazer pela educação”. Podemos perceber na escrita de alguns a preocupação, o cansaço e até mesmo a desesperança, o momento pandêmico e exigente que, assim como os profissionais da saúde, os da educação estão vivenciando um possível “coma” da educação.

Contudo, para que as tecnologias sejam utilizadas eficazmente, me junto a Rocha (2021, p.5), e destaco que para que se inicie a busca por uma solução “é preciso haver investimento governamental na capacitação contínua dos professores com relação a essas tecnologias”, assim como na equipagem das escolas e na acessibilidade aa crianças. Além do mais, percebemos que a pandemia impõe um modelo de educação excludente, conforme os relatos, onde educadores(as), pais e crianças buscaram meios e modos de atender as aulas remotas.

A pandemia “demonstrou o quanto o nosso processo de escolarização está deficitário, principalmente para aqueles que não detêm as tecnologias, pois existe uma barreira que separa a acessibilidade tecnológica e para que o aprendizado flua essas ferramentas são primordiais para o desenrolar das aulas” (SOUZA, PAIXÃO E ROSA, 2021, p.177)

Considerações Finais

A investigação propiciou perceber que o meio tecnológico proporciona uma relação interpessoal a distância, sem contatos, onde os sentimentos acontecem de modo diferente e a partir dos relatos das experiências docentes na educação infantil foi possível notar os modos, práticas e sugestões que contribuíram na adaptação do educador(a) à nova condição de ensino, assim como, também compartilhar seus desafios e aperfeiçoamentos nesta nova modalidade. O papel do educador(a) não é mais o mesmo como usado tradicionalmente no ambiente escolar.

Os recursos tecnológicos, que deveria ser um aliado a muito mais tempo, trouxe à tona a desigualdade já existente, tornando ainda mais evidente, e não só para as crianças, mas aos educadores(as) também, que tiveram que investir em tecnologia em momentos tão difíceis na economia. A pandemia expos, ainda, as fragilidades educacionais da educação, principalmente a pública, trouxe à tona as falhas quanto a formação dos educadores ao lidar com as ferramentas tecnológicas, até os pais foram atingidos quando se percebe que antes deixavam seus filhos à disposição da escola, mas que neste momento tiveram que ter participação ativa na educação de suas crianças.

As condições de trabalho e práticas pedagógicas em tempos de pandemia através de visão e relatos dos(as) próprios(as) educadores(as) colocaram em prova a capacidade do educador(as) de se reinventar, de perceber que a presença, o contato, na educação infantil é essencial, mas que trouxe também a abertura para o uso de tecnologias que antes não se entendia o quão a sua aplicabilidade poderia chegar.

Devido a pandemia e com a grande mudança no modo de educar, a inserção da tecnologia foi ainda mais necessária, porém, educadores(as) precisavam se inteirar mais do mundo virtual, pois a maior parte dos educadores(as) que lecionam não tinham ou não tiveram conhecimento de nada a respeito da tecnologia, fato que dificultou essa adequação, e com a pandemia de COVID-19 o desafio veio sem avisar, conforme constatado nos diversos depoimentos dos educadores. *“Métodos nada convencionais aos ensinados na universidade”*, relatam os educadores(as), *“abrupta e inesperadamente”*, o recurso tecnológico se tornou o principal meio para que acontecesse o ensinar. E os educadores(as) se encontravam sem formação adequada para lidar com as novas ferramentas

A investigação nos levou a entender que o uso dos recursos tecnológicos, condições de trabalho e as práticas pedagógicas em tempos de pandemia, nos presenteou com relatos de educadores(as) da educação infantil, público que convidado, compartilhou suas angustias e desafios ao “novo” ensinar. Estes tiveram suas rotinas afetadas e modificadas de um modo inesperado por um acontecimento mundial, e escutá-los, nos fez entender uma parte das dificuldades de alguns quanto ao modo de ensinar remotamente. Relatos que por vezes, emocionalmente, tocantes as adversidades que estavam passando, “verdadeiramente, a realidade presente, impactada pela pandemia, colocou para todas as instâncias de produção da vida humana o desafio da reinvenção” (SOUZA, PAIXÃO E ROSA, 2021, p. 64)

A pesquisa também trouxe à tona outra grande fragilidade na formação dos docentes, segunda colocação levantada por meio da investigação, que é a falta de disciplinas que instrua o uso das tecnologias na formação universitária, se faz necessário que haja uma reavaliação e reformulação das práticas educacionais para o atendimento de uma circunstância emergencial que afeta sobretudo a formação de futuros docentes e coloca em evidência a inovação de práticas pedagógicas, as instituições de formação devem absorver em suas formações a modernização do ensino de maneira a introduzir no currículo disciplinas que conduzam ao entendimento e aplicabilidade dos recursos tecnológicos na educação.

É notório que a educação vem adquirindo uma nova roupagem, ganhando novos programas educacionais, que buscam motivar os educadores(as) e as crianças no rumo do conhecimento, com os avanços nas metodologias e nas práticas utilizadas em sala de aula. É importante esclarecer que as novas metodologias devem ser analisadas cuidadosamente antes de sejam colocadas em prática, mas que trazem, sim, se bem empregadas, benefícios aos envolvidos. Temos que estar treinados, preparados e reciclados periodicamente com o uso de recursos tecnológicos na educação para que o processo de ensino aprendizagem não fique ultrapassado neste mundo de constantes modernizações tecnológicas.

Referências

ALBUQUERQUE, Rosângela Nieto de. **Foco na educação: estrutura sistêmica no ato de educar.** Revista Construir Notícias: 2019. Ano 19, maio/junho, p. 9-11.

BARBOSA, André Machado; VIEGAS, Marco Antônio Serra; BATISTA, Regina Lucia Napolitano Felício Felix. **Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas.** Rev. Augustus. Rio de Janeiro: 2020, v. 25. n. 51. p. 255-280. jul./out. 2020. Disponível em <file:///C:/Users/DELL/Downloads/565-Texto%20do%20artigo-1791-3-10-20200629.pdf> Acesso em: 12 jun. 2021.

BOTTENTUIT JÚNIOR, J. B. ALEXANDRE, D. S. COUTINHO, C. P. **M-learning e webquests: as novas tecnologias como recurso pedagógico.** Educação e Tecnologia, v. 11, n. 2, p. 57-63, 2006. Disponível em: < https://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/543> Acesso em: 06 jul. 2021.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. (2007). **A Educação a Distância para a Formação ao Longo da Vida na Sociedade do Conhecimento.** In Barca, A.; Peralbo, M.; Porto, A.; Silva, B.D. & Almeida L. (Eds.). Atas do IX Congresso Internacional Galego Português de Psicopedagogia. Setembro, Universidade da Coruña. La Coruña, p. 613-623. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/admin,+Jo%3%A3o+Batista+Bottentuit+Junior%20(1).pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BOTTENTUIT JÚNIOR, J. B.; CARVALHO, H. V.; CHAHINI, T. H. C. **Educação básica e o uso das tecnologias digitais: percepções e perspectivas.** Educare et educare: revista de educação. Unioeste: 2016. Campus de Cascavel, v. 11, n. 22, jul./dez. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educareeteducare/article/view/13520/11232>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença - coronavírus.** Brasília, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 30 mai. 2021.

BRIDI, Maria Aparecida; BOHLER, Fernanda Ribas; ZANONI, Alexandre Pilan. **Relatório técnico-científico da pesquisa: trabalho remoto/homeoffice no contexto da pandemia Covid-19.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudo Trabalho e Sociedade, 2020. 79 p.

COLEMARX. **Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Disponível em: <http://www.colemarx.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Colemarx-texto-cr%3ADtico-EaD-2.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.

COSTA, Maria Lourdene Paula. **As práticas pedagógicas de professores da educação infantil do município de Santa Inês.** São Luís: UFMA, 2013. Disponível em: http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/248. Acesso em 28 jul. 2021.

FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz). **Qual é o tempo de incubação do novo coronavírus?**. Portal Fio Cruz: 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/qual-e-o-tempo-de-incubacao-do-novo-coronavirus>>. Acesso em 12 jun 2021.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 294 p.

GOTTI, Alessandra; BALBANI, Arthur Paku Ottolini. **Vacina contra a covid-19: por que priorizar professores e profissionais da Educação?**. Revista Nova Escola: 2020. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/20070/vacina-contr-a-covid-19-a-importancia-de-incluir-professores-e-profissionais-da-educacao-no-grupo-prioritario>>. Acesso em:

GUIMARÃES, Juliana Carlos; BARRETO, Maria da Apresentação. Ensino remoto: mediações e dificuldades experimentadas pelos professores. **Revista Humanidades e Inovação**: 2021. v. 8, n. 35. Disponível em: <<file:///C:/Users/DELL/Downloads/5577-Texto%20do%20artigo-17624-1-10-20210623.pdf>>. Acesso em: 22 ago.2021.

LABES, Emerson Moisés. **Questionário**: do planejamento à aplicação na pesquisa. Chapecó/SC: Grifos, 1998.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 12 jun 2021.

LUCATELLI, Arinalda Silva; VIEIRA, Livia Fraga. **Condições de trabalho na Educação Infantil no Brasil**: os desafios da profissionalização e da valorização docente. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 78, p. 263-281, nov./dez. 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/69545/39860>>. Acesso em 06 jul. 2021.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. **Práticas educativas bem-sucedidas na escola**: vivências socioafetivas de professores e alunos. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/even3publicacoes-assets/book/522730-praticas-educativas-bem-sucedidas-na-escola-vivencias-socia.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAYER, Leandro; PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Arlan. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. 324 p.

MELLO, Janaina Cardoso de; JESUS, Priscila Maria de. **O uso de plataformas digitais para a formação docente**. Palmas: 2021. Revista Humanidades e Inovação, v.8, n.41. Páginas 49–62. Disponível em: < <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/112>>

MELO, José Carlos de; SOUSA, Andréa Rodrigues de. **Como se constrói a identidade de professores na educação infantil**. Revista humanidades e inovações: 2017, v. 4, n.1. pág. 117–128.

MENDES, Gisele Meireles; MELO, José Carlos de. **A escuta de crianças pequenas no contexto de pandemia**: quem as escuta e quem fala por elas no contexto escolar. In: PROVIFOR – Programa Virtual de Formação, Anais – I Seminário Provifor-ufu: educação, tecnologias e metodologias para o ensino remoto emergência. Uberlândia: UFU/ PROGRAD/DIREN, 2021, p. 248–262. 403 p. Disponível em: <https://seminarioproviforufu.com/wp-content/uploads/2021/04/ANAIS-DO-I-SEMINARIO-PROVIFOR-def_versao_diagramada23-04-2021_compressed.pdf>. Acesso em: 12 jun 2021.

Revista Construir Notícias. **É preciso salvar o ano letivo!**. Ano 20. maio/junho: 2020. 64 p.

ROCHA, Ezi Silveira. **O uso de recursos tecnológicos na educação de jovens e adultos**. Brasil escola: 2021. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/imprimir/123421>> Acesso em: 20 jun de 2021.

SILVA FERREIRA, E. M. et. al. **Sars-cov-2 - aspectos relacionados a biologia, propagação e transmissão da doença emergente covid-19**. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, v. 7, n. Especial-3, p. 9-17, 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8859>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SOUZA, Carla Figueira de; PAIXÃO, Maria do Socorro Estrela; ROSA, Marise Marçalina de Castro Silva. **Educação e formação em tempos de pandemia: deslocamentos e experiências em contextos situados**. Rio de Janeiro: 2021. 220 p

SUNSOFTWARE, Brasil. **Quais as vantagens de usar recursos tecnológicos em sala de aula?**. 2018. Disponível em: <<http://www.sunsoftware.com.br/recursos-tecnicos-sala-aula/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação na pandemia: ensino a distância dá importante solução emergencial, mas resposta à altura exige plano para volta às aulas**. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial_-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas/>. Acesso em: 09/05/2021.

VERGANI, Kelly; MORAES, Cineri Fachin. **Tecnologias digitais e a constituição docente em tempos de pandemia**. UCS-Universidade de Caxias do Sul: 2020. 17 p. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6773/TCC%20Kelly%20Vergani.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso: em 12 jun 2021

VITURIANO, Hercília Maria de Moura; VASCONCELOS, Tyciana Batalha. **A tematização da prática na formação de professores: como as metodologias ativas podem contribuir com esse processo?** In: Educação e formação em tempos de pandemia: deslocamentos e experiências em contextos situados. Rio de Janeiro: 2021. p. 41-50. 220 p

Recebido em: 25 de outubro de 2021.

Aceito em: 18 de dezembro de 2021.